

Pedagogia da cooperação: a cartilha *Toyotista* na educação

Marta Maria da Silva Assis*
Anna Maria Lunardi Padilha**

RESUMO: O presente artigo tem como objetivos apresentar questionamentos sobre os fundamentos da Pedagogia da Cooperação e seus desdobramentos para propostas pedagógicas. O ideário neoliberal das políticas educacionais pouco a pouco tem ocupado o cotidiano das salas de aula e os cursos para formação de professores que, com uma avalanche de conceitos re-significados e transformados, agem no plano ideológico, confundindo educadores e profissionais da educação.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem Cooperativa. Pedagogia da cooperação. Políticas educacionais. Cotidiano da escola.

Pedagogy of cooperation: the *Toyotist* primer in education

ABSTRACT: This text questions the foundations of the Pedagogy of Cooperation and its consequences for pedagogical projects. Neo-liberal ideas have gradually pervaded daily classroom practices and teacher education courses. With a flood of transformed and re-established concepts, these neo-liberal ideas act on the ideological plane, confusing teachers and education professionals.

KEY WORDS: Cooperative Learning. Pedagogy of cooperation. Educational policies. Classroom practice.

1 Pedagogia da cooperação: a cartilha *Toyotista* na educação

A história da educação brasileira não é construída à parte da História do Brasil e do mundo. Há uma articulação dos campos econômico, ético, social, político e educacional. O ideário neoliberal das políticas educacionais tem ocupado o cotidiano das salas de aula e os cursos para formação de professores.

O objetivo deste artigo é questionar os fundamentos da Pedagogia da Cooperação e seus desdobramentos para propostas pedagógicas, entre elas, e em especial, a proposta de Frank Viana Carvalho, autor do livro “Pedagogia da Cooperação: uma introdução à Metodologia da Aprendizagem Cooperativa” publicado pela Imprensa Universitária Adventista, 2000, bastante difundida na rede adventista de ensino e por outras escolas. Muitos cursos, palestras e documentos têm chegado aos professores, compondo propostas para a sala de aula incentivando o trabalho cooperativo, também denominado “aprendizagem

*Mestra em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP. E-mail: mmsassis@itelefonica.com.br.

** Professora do Programa de Pós Graduação em Educação da UNIMEP. Doutora em Educação pela UNICAMP. E-mail: anapadi@terra.com.br

cooperativa”.

Para compreender a interligação entre esses vários campos (o econômico, o ético, o social, o político e o educacional), Frigotto (1995) e outros autores nos apontam questões cruciais. Eles nos alertam de que os dilemas e impasses do campo educativo só podem ser entendidos à luz da crise do capitalismo real, do final do século XX.

No Brasil, ainda são raros os estudos e pesquisas sobre a Pedagogia da Cooperação e por isso nos perguntamos: - *Pedagogia cooperativa: que pedagogia é esta?*

No prefácio da Proposta Metodológica para a educação básica na Escola Adventista, está afirmado que o parâmetro pedagógico e metodológico é a Bíblia e os escritos de White¹ e, em seguida, no capítulo que trata dos princípios educacionais, no tópico “a interação social num contexto de trabalho cooperativo” está dito:

A cooperação deve ser o espírito das salas de aula, a lei de sua vida. O professor que adquire a cooperação de seus discípulos consegue um auxílio inapreciável na manutenção da ordem. Nos serviços da sala de aula muitos rapazes, cujo estado irrequieto acarreta a desordem e insubordinação, encontrariam vazão à sua energia supérflua. Isto fomentará o respeito próprio e o desejo de ser útil. Valioso seria aos jovens, aos pais, aos professores estudarem as lições de cooperação que encontramos nas escrituras (LEITE; COSTA, 1999, p. 55).

Também no prefácio do livro Pedagogia da Cooperação, Carvalho (2000, p. 11) afirma que “alguns modelos, idéias, conceitos e práticas se encaixam muito bem na filosofia, história e vocação cristãs”. Destaca a “Aprendizagem Cooperativa” como o pano de fundo estrutural para o funcionamento dos outros métodos relacionados com o ensino e a aprendizagem; mescla aprendizagem cooperativa com o ensino de valores e afirma que a metodologia da aprendizagem cooperativa pode ser aplicada a todos os alunos, desde as séries iniciais ao curso de pós-graduação.

Intitula sua introdução de “*O Desafio*”. Nesse texto, Carvalho escreve aos professores que decidem implantar a Metodologia da Aprendizagem Cooperativa em suas aulas. Tais professores estarão assumindo o papel de multiplicadores de conhecimento. Propõe que o planejamento é fundamental e devem ser seguidos os passos indicados, adequando-os ao seu contexto, executando-os com entusiasmo. Acrescenta: “O sucesso já está batendo à sua porta” (CARVALHO, 2000, p. 13). Em seguida, elenca os passos a serem seguidos: determinar objetivos para **cada etapa**; estruturar as aulas de maneira **lógica e coordenada**; selecionar **formas dinâmicas** de relacionamento com a classe; utilizar diversos recursos pedagógicos; fechar o ciclo (ter **certeza** do cumprimento dos objetivos); fazer um levantamento final do **resultado e divulgá-lo**; agradecer a todos os envolvidos para **gerar motivação** para as

próximas realizações – “afinal de contas, todos trabalham em equipe.” (CARVALHO, 2000, p. 13). Nas palavras do autor, dirigidas aos professores:

Você é a **peça** fundamental **dessa engrenagem educacional** e do **sucesso** desta Metodologia Cristã de Ensino e Aprendizagem em Grupos Cooperativos. Leia com atenção todo o conteúdo e **mãos à obra**. (CARVALHO, 2000, p. 13, grifos do autor).

Os passos propostos, que deverão ser seguidos pelos professores, do ponto de vista da análise que desejo empreender, firmam posições marcadamente da organização fabril do trabalho. Vejamos: **cada etapa; maneira lógica e coordenada; formas dinâmicas; certeza do cumprimento dos objetivos; resultado e divulgação; motivação; trabalho em equipe; peça da engrenagem; sucesso educacional e mãos à obra.**

Uma das questões que se pode levantar é que tais proposições remetem à formação discursiva do modo de produção capitalista. No interior da manufatura, são criadas condições para a organização capitalista do trabalho. Primeiro, toma forma de cooperação simples – cada um realizando a mesma operação, reunidos em um mesmo local, controlados pelo capitalista. Depois, a cooperação mais complexa – uma divisão técnica do trabalho: operações fragmentadas, subdivididas, por etapas, cada um realizando tarefas mais específicas e limitadas. Dessa forma, temos uma estreita relação entre a concepção de capital humano e uma concepção reducionista de práticas educativas. A divisão interna do trabalho escolar é um mecanismo para obter maior eficiência do sistema de ensino. Os pacotes com normatizações político-pedagógicas que chegam aos professores indicam o controle da produção e da divulgação do saber. (FRIGOTTO, 1989).

Kuenzer faz uma análise igualmente importante para nosso objetivo: no processo de valorização do capital, pelos processos pedagógicos e novas formas de organização do trabalho escolar, são concebidos novos modos de vida, novos valores para que se ajustem aos novos métodos de produção e, portanto, novos métodos de trabalho: a fragmentação – divisão entre os que pensam e os que executam.

Tanto as relações sociais e produtivas, como a escola educam o trabalhador para esta divisão. [...] O conhecimento científico e o saber prático são distribuídos desigualmente, contribuindo, ainda mais, para aumentar a alienação dos trabalhadores. (KUENZER, 2002, p. 79).

Diante do que vivemos no neoliberalismo e no pós-modernismo, Frigotto (1995) afirma que a desigualdade produzida historicamente pelo mercado foi determinando quais

¹ Ellen White escreve sobre os princípios religiosos da educação.

eram os mais aptos. Vale lembrar os estudos de Patto (1993) quando fala das crianças pobres que não conseguem aprender na escola, sempre sendo elas, as crianças, ou suas famílias, as culpadas pelo seu fracasso...

Duarte refere-se à concepção individualizante difundida de muitas formas, como sendo a ideologia do sucesso individual

[...] que preconiza ser esse sucesso resultante da existência, no indivíduo, de algumas qualidades (quase, poderíamos dizer, ‘virtudes’) como espírito empreendedor, criatividade, otimismo, perseverança, autoconfiança, disposição para o trabalho, domínio de técnicas atuais [...]. (DUARTE, 2000, p. 140).

Ter sucesso, conseguir resultados para divulgar... é uma questão de força de vontade de alguns indivíduos ou de uma equipe. Nessa visão, está coerente Carvalho, quando convoca os professores, dizendo que eles são uma *peça importante na engrenagem* – quer valorizar e controlar a máquina na qual se tornou o professor parte de uma engrenagem mais complexa – a escola. As ‘virtudes’ são indispensáveis para se conseguir um lugar no mundo da competitividade.

É possível ler no texto “*O Desafio*”, nas primeiras páginas do livro “Pedagogia da Cooperação – uma introdução à metodologia da Aprendizagem Cooperativa”, um discurso ideológico neoliberal contemporâneo. Nega as contradições e postula a idéia de uma educação redentora, que teria condições de resolver conflitos e de, harmoniosamente, formar cidadãos em uma sociedade democrática capaz de superar a exclusão social. Coloca no professor a maior responsabilidade da “empreitada” – dispor de sua força de trabalho com dinamismo (**peça, engrenagem, mãos à obra...**).

O autor afirma que o papel da escola é central nesse processo.

Ela tem em suas mãos a oportunidade de ensinar o que é mais importante para os alunos: adquirir habilidades e aptidões que serão úteis para a vida e para o mercado de trabalho. A escola precisa ensinar cooperação. E a melhor maneira de fazê-lo é através de modelos de trabalho em cooperação dentro da sala de aula (CARVALHO, 2000, p. 16).

No discurso atual das empresas, sobretudo no discurso neoliberal, harmonia é entendida como anulação ou, no mínimo negação de tensão. Não podemos esquecer que buscamos uma harmonia possível, porém não a do neoliberalismo, onde aquele que discorda é colocado para fora, é silenciado. Harmonia, nesse sentido, anula os conflitos que são inerentes à vida humana.

De acordo com Carvalho (2000), “o que é mais importante” ensinar na escola não são os conteúdos, não são os conceitos/conhecimentos sistematizados, mas atribui a ela o papel de

ensinar a trabalhar em equipe, por meio da cooperação, para que os alunos possam “adquirir habilidades e aptidões que serão úteis para a vida e para o mercado de trabalho”, bem coerente com a visão neoliberal de sociedade.

Carvalho continua dizendo que atualmente tem havido uma sistematização das metodologias de “Ensino Cooperativo”, fruto de pesquisas produzidas por educadores estadunidenses.

O autor argumenta que, no mundo moderno, a economia está em transformação, assim como a sociedade. “Os países se unem em blocos econômicos para produzirem mais e melhor e, ao mesmo tempo, ampliarem e protegerem seus mercados de consumo.” (CARVALHO, 2000, p. 18). Nessa conjuntura, o modelo tradicional de administração dá lugar ao “Staff Horizontal”: “delegação de responsabilidades, participação no sucesso e no fracasso, comprometimento com a empresa, relacionamentos interpessoais profissionais mais próximos e freqüentes.” (CARVALHO, 2000, p. 18).

O discurso da exploração do capital fica visível. Quando se delegam responsabilidades, quem ganha? Dividem-se os lucros? Quando afirmam que repartem o lucro, em que proporção o fazem? Quanto à participação no sucesso, perguntamo-nos: como se dá essa participação? O “staff” é o pessoal de alguém. De quem? É subordinado do capitalista – daquele que possui o capital.

Esse mesmo autor define aprendizagem cooperativa como

[...] uma metodologia de ensino que trabalha dividindo a turma em grupos e coordenando a ação dos alunos, de tal forma que sejam alcançados os objetivos gerais e específicos da disciplina e do aprendizado (desenvolvimento de valores e habilidades). (CARVALHO, 2000, p. 33).

Assume que o sucesso da Aprendizagem Cooperativa se baseia em alguns elementos principais: a interdependência positiva, a responsabilidade individual, o desenvolvimento das habilidades, a participação igualitária, a dinâmica do grupo e a interação entre os seus membros.

2 Cooperação: modo Marxista de olhar

No ‘O Capital’, Volume I, Marx (1980) discute sobre a cooperação quando vai explicar a revolução operada pelo capital no modo de produção. No Mundo Antigo, na Idade Média e nas colônias modernas a cooperação fazia parte dos empregos esporádicos e fundamentava-se nas relações de domínio e servidão.

A produção capitalista tem seu início histórico e formal quando um número maior de

operários passa a trabalhar num mesmo local, ao mesmo tempo, produzindo o mesmo tipo de mercadoria sob o comando do mesmo capitalista. Embora o modo de trabalho continue o mesmo, há uma mudança radical nas condições materiais do processo de trabalho. Os meios de produção, quando utilizados em comum, geram uma economia que faz diminuir o valor unitário do produto.

Chama-se **cooperação** à forma de trabalho onde muitos operários trabalham lado a lado e em conjunto, após um plano geral, num mesmo processo de produção, ou em processos diferentes, mas relacionados. (MARX, 1980, p. 58, grifo do autor)

Diante da quantidade de operários que trabalham cooperativamente, um comandante se faz necessário na execução do processo do trabalho e da produção. Segundo Marx, qualquer trabalho social ou coletivo exige uma direção “que harmonize as atividades individuais e execute as funções gerais resultantes do movimento do corpo produtivo total diferenciando-se do movimento de seus órgãos independentes” (MARX, 1980, p. 62). A cooperação engendra novas forças produtivas e aumenta as já existentes, mas, a partir do momento em que o operário começa a trabalhar nesse processo, ele é despersonalizado, parcelado pelo capital; não pertence mais a si próprio, dá ao capitalista poder sobre ele, ficando subordinado à vontade alheia e a uma direção despótica; sua força de trabalho produzida socialmente é a força produtiva do capital.

Quando se estabelece uma relação, a cooperação capitalista não aparece como uma *forma* particular da cooperação; mas aparenta ser uma característica particular e específica do modo capitalista de produção. (Marx, 1980, p. 64).

Com a chamada **cooperação e trabalho em equipe** resulta, de acordo com Antunes (1999, p. 34) “a desidentidade entre indivíduo e gênero humano. Movida por uma lógica mais despótica, é mais consensual, mais envolvente, mais participativa; em verdade, mais manipulatória.” O capital apropria-se do saber e do fazer – o trabalhador deve pensar e agir para o capital, para a produtividade.

Nesta linha de raciocínio, trabalho livre e emancipado é o trabalho com sentido. O capitalismo inverte o sentido do trabalho, pois converte a força do trabalho em decisivo para gerar riqueza. Quando o trabalhador não mais se reconhece no próprio trabalho, o trabalho não mais o humaniza. Há um processo de estranhamento do trabalhador: ele não se reconhece no trabalho, não se reconhece no processo da atividade e não se reconhece como sujeito livre. O homem se perde a si mesmo e fica desumanizado.

Antunes (1995) explica que o *toyotismo* ou *modelo japonês* – sistema produtor de mercadoria, inserido no “espírito Toyota”, foi o responsável pelo sucesso capitalista da empresa japonesa, propondo que os trabalhadores vivessem “o sonho” do capital, modificando o modo de ser da “classe que vive do trabalho”. Chama a atenção para os novos processos capitalistas do trabalho. Como os trabalhadores foram capazes de controlar os movimentos reivindicatórios, no taylorismo e no fordismo, poderiam direcionar o funcionamento das empresas, pois foram considerados dotados não apenas da força bruta, como, também, de iniciativa, imaginação e capacidade de cooperação - virtudes da inteligência.

3 A cartilha do *Toyotismo* na educação

Como vimos tentando mostrar, não é possível compreender radicalmente a história da sociedade contemporânea e, portanto, a história da educação, sem compreender o movimento do capital, porque, segundo Marx, a história moderna contemporânea é dominada pelo capital. De acordo com Saviani (2002), a Revolução Industrial transferiu as funções manuais para as máquinas. O avanço tecnológico deu origem a uma nova “revolução industrial”: a revolução da microeletrônica, que pode ser também denominada de “revolução da automação”, ou “da informática” – as máquinas substituíram as operações intelectuais. O taylorismo e o fordismo foram substituídos pelo toyotismo que passa o controle para o interior das empresas – o papel do Estado e dos sindicatos fica secundarizado. Saviani continua analisando que:

A educação, que tenderia sobre a base do desenvolvimento tecnológico propiciado pela microeletrônica, à universalização de uma escola unitária capaz de propiciar o máximo de desenvolvimento das potencialidades dos indivíduos e conduzi-los ao desabrochar pleno de suas faculdades espirituais, é colocada inversamente, sob a determinação direta das condições de funcionamento do mercado capitalista. (SAVIANI, 2002, p. 22).

Pablo Gentili, quando aborda a questão das tensões entre estrutura/ determinação e sujeito/liberdade, aponta para o engodo da Pedagogia das Competências e da promessa de empregabilidade – temas e promessas presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Gentili diz: “Ao individualismo do credo neoliberal² somam-se os argumentos

² Neoliberalismo é uma clara tentativa de reorganizar as sociedades capitalistas marcadas por crises, cada vez mais significativas. Não é só um projeto político, mas uma teoria econômica de adequação das estruturas e instituições sociais às características do processo de reprodução do capital. Para o neoliberalismo a crise educacional é uma crise de eficiência, eficácia e produtividade – as instituições escolares devem funcionar como pequenas empresas produtoras de serviços educacionais (GENTILI, 1996).

fundados no credo do pós-modernismo, que realçam as diferenças (individuais) e a alteridade” (GENTILI, 2002, p. 71). Assim como Kuenzer, quando afirma que “No âmbito da pedagogia toyotista, as capacidades mudam e são chamadas de “competências”. (KUENZER, 2002, p. 80).

Mascaradas ficam a violência social e a exclusão. A defesa dos princípios morais da aceitação do outro e da aceitação da diferença é utilizada para legitimar a desigualdade, a injustiça e uma sociedade excludente.

O neoliberalismo expressa uma saída política, econômica, jurídica e cultural específica para a crise hegemônica que começa a atravessar a economia do mundo capitalista como produto do esgotamento do regime de acumulação fordista iniciado a partir dos fins dos anos 60[1960] e começo dos 70 [1970]. (GENTILI, 1995, p. 230).

Acácia Kuenzer faz uma análise sobre a exclusão includente e a inclusão excludente nas relações entre educação e trabalho. Ela diz que as demandas do capital exigem da educação a formação de um novo tipo de trabalhador com formação continuada: “na linguagem toyotista, homens e mulheres flexíveis, capazes de resolver problemas novos com rapidez e eficiência, acompanhando as mudanças e educando-se permanentemente” (KUENZER, 2002, p. 93). Ela chama de exclusão includente a exclusão do trabalhador do mercado formal que, quando incluído, fica em condições precárias de trabalho. Chama de inclusão excludente as estratégias de colocar todos na escola sem os devidos padrões de qualidade que seriam

[...] a formação de identidades autônomas, intelectual e eticamente capazes de responder e superar as demandas do capitalismo [...]. Assim, através dos processos de inclusão excludente, a educação escolar e não-escolar se articula dialeticamente aos processos de exclusão includente existentes no mundo do trabalho, fornecendo ao cliente – o capital – a força de trabalho disciplinada técnica e socialmente, na medida das suas necessidades, como reza a boa cartilha do toyotismo (KUENZER, 2002, p. 92-93, grifos da autora).

A avalanche de conceitos re-significados e transformados age no plano ideológico e dificulta a compreensão da crise do capitalismo, que tem suas especificidades explícitas nos planos econômico, social, ideológico, ético-político e educacional.

Destacamos alguns conceitos que, nos parecem, estão sendo re-significados nos documentos e que não são neutros. São carregados de sentido ideológico. Parece-nos à volta, com força, da panacéia do método.

As bases do que denominamos tecnicismo, segundo Araújo (1991), têm suas origens no século XX com as teorias de administração de Frederick W Taylor e Henri Fayol. Houve uma conjugação das teorias econômicas, de administração, da comunicação, da psicologia etc.

que foram utilizadas como guias no processo pedagógico escolar.

A crença era a de que as técnicas ou recursos eram suficientes para o sucesso do ensino. Era o método pelo método, a técnica pela técnica, que traziam significação para o aluno. A técnica, quando perde sua função mediadora, passa simbolicamente a substituir o professor. Fica no pedestal e justifica a ação de todos os envolvidos no processo.

Nos dizeres dos documentos da Pedagogia da Cooperação aqui trazidos, encontramos indícios da presença do discurso neoliberal; uma atitude pretensamente inofensiva que, desconsiderando os sujeitos envolvidos na prática educativa como sujeitos históricos e culturalmente determinados, afirma que a escola tem:

Em suas mãos a oportunidade de ensinar o que é mais importante para os alunos: adquirir habilidades e aptidões que serão úteis para a vida e para o mercado de trabalho. A escola precisa ensinar cooperação. E a melhor maneira de fazê-lo é através de modelos de trabalho em cooperação dentro da sala de aula. (CARVALHO, 2000, p. 16).

Frigotto, Gentili, Anderson e outros autores, no livro *Pedagogia da Exclusão* (1995), ajudaram-nos a compreender as artimanhas e falácias da investida neoliberal dessa proposta pedagógica e metodológica. Esclarecem muito do objeto de estudo: Pedagogia da cooperação – que pedagogia é esta?

Como o desenvolvimento do capitalismo industrial está em plena expansão, serviços e produtos que auxiliam o trabalho cooperativo, os métodos, ferramentas e técnicas chegaram ao âmbito educacional com expressões como “Aprendizagem cooperativa”, “Aprendizagem colaborativa” e outros termos ligados ao ensino, comumente citados e, muitas vezes, utilizados para definir atividades e significados similares.

A proposta de “aprendizagem cooperativa” como parte da “Pedagogia da Cooperação” está fundamentada na ordem social do capitalismo, principalmente no toyotismo que propõe o “trabalho cooperativo” como central.

Referências

ANTUNES, R. *Adeus ao trabalho?* Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. Campinas: Cortez; UNICAMP, 1995.

_____. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 1999.

ARAÚJO, J. C. S. Para uma análise das representações sobre as técnicas de ensino. In: VEIGA, I. P. A. (Org.) *Técnicas de Ensino: por que não?* Campinas: Papirus, 1991.

CARVALHO, F. V. *Pedagogia da Cooperação: uma introdução à metodologia da aprendizagem cooperativa*. Piracicaba: Imprensa Universitária Adventista, 2000.

DELORS, J. (Org.) *Educação: um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC/UNESCO, 2001.

DUARTE, N. *Vigotski e o 'aprender a aprender'*: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. Campinas: Autores Associados, 2000.

FRIGOTTO, G. *A produtividade da escola improdutiva*. São Paulo: Cortês; Autores Associados, 1989.

_____. Os delírios da razão: crise do capital e metamorfose conceitual no campo educacional. In: GENTILI, P. (Org.) *Pedagogia da Exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

GENTILI, P. Adeus à escola pública. A desordem neoliberal, a violência do mercado e o destino da educação das maiorias. In: GENTILI, P. (Org.) *Pedagogia da Exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. A macdonaldização da escola: a propósito de consumindo o *outro*. In: COSTA, M. V. (Org.). *Escola Básica na virada do século: cultura política e currículo*. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. Três teses sobre a relação trabalho e educação em tempos neoliberais. In: LOMBARDI, J.; SAVIANI, D.; SANFELICE, J.L. (Org.). *Capitalismo, trabalho e educação*. Campinas: Autores Associados, 2002.

KUENZER, A. Z. Exclusão includente e inclusão excludente. In: LOMBARDI, J.; SAVIANI, D. ; SANFELICE, J. L. (Org.) *Capitalismo, trabalho e educação*. Campinas: Autores Associados, 2002.

LEITE, E. R. C.; COSTA, S. B. *Proposta Metodológica para a educação básica na Escola Adventista*. Piracicaba: União Central Brasileira da Igreja Adventista do Sétimo Dia/Departamento de Educação, 1999.

MARX, K. A. revolução operada pelo capital no modo de produção. In:_____. *O Capital*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

PATTO, M.H.S. *A produção do fracasso escolar*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1993.

SAVIANI, D. Transformações do capitalismo, do mundo do trabalho e da educação. In: LOMBARDI, J.; SAVIANI, D.; SANFELICE, J. L. (Org.). *Capitalismo, trabalho e educação*. Campinas: Autores Associados, 2002.

SISTEMA ESCOLAR ADVENTISTA/Departamento de Educação. *Proposta Pedagógica*. Piracicaba: União Central Brasileira da Igreja Adventista do Sétimo Dia, 1999.

Endereço:

Rua: Dona Olívia Bianco, 467. Jardim Brasília

CEP: 13420 – 001 - Piracicaba- SP.

Telefone: (19) 3433 6725

Recebido: junho/2004
Aprovado: agosto/2004